Rapunzel de rastafári não é africanidade

» ANDRÉ LÚCIO BENTO
Doutor em linguística, especialista em cultura afro-brasileira e professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal



Era uma vez uma princesa chamada Rapunzel. Ela tinha longos cabelos lisos cor de ouro. Um dia, Rapunzel decidiu ir a um salão de beleza e colocou rastafári. Depois, fez black power. Depois, fez tranças nagô. Depois, colocou turbante afro. E viveu confusa para sempre em terras europeias.

Essa hipotética e breve releitura da história de Rapunzel não constitui um caso de confusão, mas, sim, de apropriação. Os milenares penteados e adornos de cabeça guardam significados de natureza cultural, identitária, religiosa, ritualística e étnica para os povos africanos. Com o tempo, as tranças nagôs, por exemplo, foram usadas como elementos nos protocolos de guerra e até como linguagem estratégica na luta pela liberdade; o desenho do trançado poderia representar mapas indicando rotas de fuga. E nem Rapunzel e nem ninguém têm o direito de reduzir tantos símbolos de ancestralidade a simples opção estética.

Mas a princesa europeia que decide se africanizar parece-me ser algo cada vez mais plausível por aí. Nas minhas passagens por escolas de educação básica, observo muitos murais com trabalhos pedagógicos envolvendo Branca de Neve preta, A Pequena Sereia negra, Cinderela de cabelo crespo, isso e aquilo. É como se a indústria do livro e do entretenimento e a escola, sem refletir, estivessem abrindo uma concessão, fazendo uma espécie de favor ao recontextualizar os clássicos europeus agora numa variante africana.

Ocorre que a África tem as próprias histórias e seus mitos fundadores. E são essas histórias que o mundo precisa conhecer. Não quero sugerir que deixemos de ler essas histórias de princesas, fadas, bruxas e gnomos que nos fascinam há muito tempo. Elas são, de fato, encantadoras. Meu argumento é que passou da hora de conhecermos outras histórias igualmente lindas, formidáveis e fantásticas que marcam a visão de mundo e a cultura dos povos africanos. Então, viremos a página.

Que tal contarmos para as crianças e para nós adultos também histórias sobre a insuportável solidão de Olorum, os destinos de amor guiados por Oxé, as possíveis prosperidades inspiradas em Obará e outras tantas memórias, narrativas, lendas e fábulas? Presumiríamos como o mundo surge miticamente, de onde viemos e para onde vamos na cosmovisão de outros povos, e não apenas na perspectiva dos mesmos que tentam traçar nossas compreensões há séculos.

Participaríamos de histórias de guerra, com heroínas diversas das que esperam seus príncipes em cavalos brancos, que se prostram adormecidas à espera de um beijo ou que não resistem ao vermelho da maçã. Provaríamos outras frutas, outros sabores, outros venenos, outras magias, outras maldades, outras fantasias, outras formas de expressão do amor, do ódio, do bem, do mal. Conheceríamos outras princesas e príncipes, rainhas e reis diferentes, conforme outras cosmovisões, outros valores civilizatórios e outros conceitos de humanidade.

Certa vez, conversando sobre tudo isso numa escola, fui questionado por uma professora se, ao sugerir histórias como as de Olorum, Oxé e Obará, eu não estaria desafiando o Estado laico. Eu respondi perguntando se a professora via algum problema em contar, por exemplo, a história de Thor para as crianças na escola. Ela me respondeu que não. A professora não sabia que Thor é um deus pagão. Como Thor é nórdico, branco e já foi transformado num super-herói de olhos azuis no cinema e nos quadrinhos, ele, mesmo sendo uma divindade para alguns povos, não causa espanto e não põe em jogo o Estado laico. É a negritude que incomoda.

Mesmo não acreditando que a literatura tenha uma finalidade meramente didática, é possível aprendermos com a aceitação de outras propostas estéticas, uma vez que elas nunca estão dissociadas do conjunto de saberes, práticas, crenças e valores das sociedades onde se originam. Eu defendo que não precisamos tomar de empréstimo, por exemplo, as histórias originárias do folclore europeu, convertidas em sucesso mundial pelos estúdios Disney, e passar nelas uma tinta preta numa atitude benevolente de se trazer a África para os livros e para as escolas. Queremos que os princípios e os fundamentos culturais do continente africano povoem verdadeiramente as narrativas, a música, o cinema, o teatro e toda e qualquer expressão cultural. Não é mais tempo de exclusividade. É tempo de respeito e de diversidade.

Brasil, destino como potência

» OTÁVIO RÊGO BARROS
General de Reserva, foi chefe do Centro de Comunicação Social do Exército

O Centro de Estudos Estratégicos do Exército (Ceeex),think tank ligado ao Estado-Maior da Força Terrestre, reuniu-se pela primeira vez neste ano com os pesquisadores externos contratados pelo órgão. Esses profissionais foram selecionados com base em suas produções acadêmicas, com a finalidade de elaborar artigos a serem publicados ao longo do ano, na revista científica Análise Estratégica. Os trabalhos desenvolvidos por esses colaboradores do Núcleo de Estudos Prospectivos (NEP) devem indicar caminhos a serem trilhados pela Força Terrestre e têm sua projeção temporal alinhada com o sistema de planejamento do Exército (Siplex).

Como resultado final, entregarão policy papers que servirão como balizas às decisões do Alto-Comando do Exército, antecipando os desafios a serem enfrentados no caminho do cenário prospectivo 2040.

Para o ano de 2023, selecionaram-se quatro temas considerados de interesse da Força: reordenamento internacional e geopolítica na América do Sul; mudanças climáticas, segurança nacional e emprego militar; estratégia e política de defesa – base para um planejamento estratégico; e, finalmente, o ambiente informacional e a guerra do futuro. Encadeados, o Ceeex identificou que, a partir de um planejamento militar de alto nível, deveria centrar o foco dos estudos no subcontinente sul-americano, especialmente na questão ambiental, alvo de interesse mundial.

Justaposto a esse escalonamento, valorizou-se a análise do ambiente informacional, teatro de operações futuro ainda não completamente escrutinado por nossas Forças Armadas.

Acima dessa pirâmide, sente-se falta de uma grande estratégia de Estado que balize os campos do poder, colimando-os para os interesses da nação brasileira. É documento político comum nos países mais avançados. Estamos atrasados.

A cada dia, os desafios para proteção da segurança nacional, envolvendo o território, e da segurança humana, envolvendo a gente, ganham contornos mais contundentes, o que nos obriga como Estado organizado a pensar pragmaticamente em como desenvolver nossas defesas.

É compreensível que outros desafios mais urgentes identificados na construção de um Brasil equilibrado socialmente recebam prioridade na partição do bolo orçamentário.

Todavia, de nada valerá essa preocupação legítima se os ganhos dela advindos não puderem ser usufruídos por nosso povo em caso de atores externos (e até internos) ambicionarem e intentarem tomá-los na "mão grande". Urge, pois, a partir de orientação clara do nível político-governamental mais elevado que estudemos o entorno geográfico de nosso país, os acordos firmados, os apoios prometidos e arranjos para estabilidade da região.

A América do Sul parece se oferecer como palco privilegiado para competições entre as grandes potências. Os contenciosos já estão na arena. Desconhecê-los seria amadorismo dos que estudam o tema defesa.

Estados Unidos, China, Rússia, Irã e até países da velha Europa se assanham para ganhar influência na América do Sul.

Nessas disputas, se os países latino-americanos não tiverem capacidade de dissuadir adequadamente antagonistas, tornar-se-ão apenas coadjuvantes do grande espetáculo.

Exemplos de países incapazes de se fazerem respeitados no cenário mundial, reféns de interesses exógenos, estão todos os dias nas telas dos aparelhos celulares mundo afora. Uma política clara, comunicada objetivamente para o mundo, demonstrações inequívocas do projeto diplomático, suporte bélico para assegurar e impor a compreensão, e orçamento compatível com a dimensão do país são essenciais ao sucesso da causa.

O Brasil, ainda que reconhecido no emprego do soft power em operações militares, em particular nas missões sob a égide das Nações Unidas, não pode abdicar de se apresentar como a potência regional apta a liderar, empregando postura mais assertiva, indutiva de que estará atento às disputas entre terceiros em zona de sua influência.

O Brasil, aspirante a papel relevante no contexto mundial, vai precisar correr riscos e definir uma política e uma estratégia de defesa mais agressivas, alinhadas com os desafios que se predisporá a enfrentar.

Como afirmou o pensador americano Alvin Toffler, "ou você tem uma estratégia própria, ou então é parte da estratégia de alguém". Destemido que é, o Brasil saberá construir com adequada estratégia seu destino de potência.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

Liberdade de imprensa

Quando você percebe que quase 60% dos jornalistas profissionais dos Estados Unidos já declaram publicamente que estão extremamente preocupados com a liberdade de imprensa naquele país e com os caminhos adotados pelos grandes veículos de comunicação, de fechamento e alinhamento com as teses da esquerda, é que o problema é deveras preocupante e pode culminar numa situação, que ninguém jamais poderia imaginar.

Pensar que justamente na terra da oportunidade e da liberdade, a censura e a limitação do pensamento se tornaram uma ameaça real, sobretudo para a grande parcela conservadora da população, é demasiado preocupante. Isso pode, em curto espaço de tempo, abrir caminhos para perseguições e todo o tipo de cerceamento de opinião, levando aquele país à uma situação surreal e mesmo explosiva.

Essa verdadeira distopia histórica, até pouco tempo era uma realidade cotidiana apenas em países periféricos e subdesenvolvidos, sujeitos a instabilidades políticas e submersos em ditaduras ferozes. Falar em censura nos Estados Unidos, onde a imprensa foi, desde sempre, os olhos e os ouvidos dos cidadãos, chega a ser um anátema. O pior é pensar que essa situação, que agora parece ameaçar os americanos – que por séculos conhecem e experimentam uma das mais sólidas democracias do planeta - poderá acontecer em outros países, com menores ou nenhuma tradição democrática, sobretudo na América Latina, que vive entre aberturas e fechamentos de regime. E olha que os americanos, possuem em sua retaguarda um Legislativo e um Judiciário que se pautam fielmente pela Constituição, a mesma Carta que desde 1776 considera e leva a sério a opinião livre dos cidadãos.

Quando aqueles que transitam nos meandros do governo americano chegam a confessar sua preocupação com a tão respeitada liberdade de imprensa, é porque sabem do que estão falando e preveem um fechamento de opinião e ideias para os próximos anos, ao não ser que haja uma reviravolta política naquele país. Muito se fala de sabotagens praticadas pela China e pela Rússia e de interferências indevidas nas eleições internas dos EUA, bem como do desejo que esses países nutrem de verem a América caminhando para seu colapso econômico e de braços abertos para as ideias do socialismo.

Caso os Estados Unidos um dia abracem as teses marxistas como modelo de Estado, a decadência econômica será então um processo natural, repetindo o que se vê em países que adotam esse tipo regime. Os profissionais de imprensa americanos, com mais tempo de serviço e, portanto, com mais experiência, são os que mais se sentem ameaçados e temerosos com a possibilidade das liberdades individuais e de ideias perderem o antigo fôlego, cedendo aos novos tempos de censura.

Nada menos do que 12 mil jornalistas daquele país foram entrevistados pelo Pew Research Center em 2022, o que cobre uma boa margem de profissionais dessa área, com resultados muito próximos da realidade. Enquanto isso no Brasil compramos alambrados.

»» A frase que foi pronunciada

"A revolução comunista é a ruptura mais radical com as relações de propriedade tradicionais; não admira que seu desenvolvimento envolva a ruptura mais radical com as ideias tradicionais".

Friedrich Engels

Elas

» Leia no blog do Ari Cunha a homenagem às mães composta pelo poeta Nonato Freitas.

Na luta

» Defensores do Parque das Garças já arregaçaram as mangas. Começam a angariar verbas pela causa vendendo camisetas, que daqui alguns anos serão testemunhas da história de Brasília. Veja no blog do Ari Cunha como fazer para obtê-las.

Boas mudanças

» Nunca o povo brasileiro esteve tão informado depois do advento das redes sociais. Por essa razão, a deputada distrital Paula Belmonte deu um passo adiante das notícias e preparou uma capacitação para os líderes comunitários acompanharem os passos da Câmara Legislativa do DF. "O portal da Câmara Legislativa permite que as pessoas pesquisem as atividades de cada parlamentar. É possível, por exemplo, acompanhar a destinação de emendas ao orçamento, que nada mais é do que o dinheiro que a população contribuiu com seus impostos", afirmou a deputada. Se o orçamento ganhou emenda, a verba paga com os impostos precisa ser revertida aos contribuintes em serviços.

»» História de Brasília

Com isto, o chefe da Casa Civil visa evitar o que vinha acontecendo: inúmeros funcionários transferidos vieram desgarrados de suas seções, e o Executivo continua no Rio e não em Brasília.
(Publicada em 20.03.1962)